

## 5.

### **Reflexões e considerações finais**

Os objetivos propostos neste trabalho foram analisar atividades em co-construção interacional de contagem e recontagem do conto Chapeuzinho Vermelho. Um de nossos interesses era mostrar os graus de autonomia; os pontos de maior dificuldade com os elementos da estrutura narrativa, com os esquemas de conhecimento sobre o conto e com o trabalho interacional utilizado ao narrar de cada uma das crianças. Outro interesse era a configuração da narrativa co-construída entre a mediadora e cada criança, a fim de observar as estratégias de mediação que a fonoaudióloga utiliza. Procuramos identificar elementos que a mediadora prioriza na narrativa, e papéis que desempenha na co-construção da narrativa com cada criança.

#### **5.1**

##### **Resultados do ponto de vista das crianças**

As crianças revelaram esquemas de conhecimento distintos sobre o conto Chapeuzinho Vermelho e sobre o esquema narrativo dos contos nas atividades de contagem e recontagem.

##### **5.1.1**

###### **Esquemas de conhecimentos sobre o conto**

A análise revelou que as crianças apresentam diferenciações no conhecimento dos esquemas narrativos relacionados ao conto. Luna e Pedro demonstraram conhecer a mesma versão trazida no livro ilustrado, embora Pedro tenha evidenciado menos conhecimentos sobre esse conto do que Luna, que mostrou proficiência para a recontagem dessa estória.

Rodrigo revelou seu conhecimento da versão dos Irmãos Grimm, na qual a Chapeuzinho é devorada pelo lobo. A discrepância entre esquemas de conhecimento dele e de Márcia gerou uma discordância que culminou com a prevalência da versão da profissional sobre a do menino. Assim, embora Rodrigo tenha narrado de forma mais autônoma, a mediadora utilizou perguntas de clarificação e discordou dele. As discordâncias refletem, por um lado, sua atitude

de independência para narrar, e, por outro, dificuldades de compreender alguns aspectos da estória e seu esquema de conhecimento distinto do da mediadora, que explica, também, o número bastante grande de informações fornecidas por ela nessa interação. Já Thiago revelou conhecimentos sobre uma versão na qual o lobo apenas tranca a avó no armário. Márcia aceita a validade da versão trazida por Thiago, respeitando seus esquemas de conhecimento (Fragmento 51, L64; Fragmento 53, L101 e Fragmento 57, L130).

É importante ressaltar os resultados relacionados à seqüência narrativa, à estrutura da trama e ao léxico típico dos contos de fadas (Bronckart, 1999).

Podemos observar que Rodrigo trouxe os elementos básicos da trama (Bronckart, 1999). Na situação inicial, observamos que o momento - ou referência temporal - não foi trazido espontaneamente por ele. Sendo posteriormente elicitada durante a mediação, a abertura da estória apareceu em forma de começo formal (era uma vez – Fragmento 2, L35). A referência ao lugar - ou referência espacial – não foi trazida de forma típica. Embora a criança tenha dito que Chapeuzinho “tava passeando” (Fragmento 2, L43), não disse aonde. Além disso, embora tenha feito alguma referência espacial gestual em relação aos caminhos ilustrados no livro (Fragmento 3, L51, L53, L60, L61), não foi com o objetivo de localizar espacialmente a estória, mas de explicar que o lobo estava indo para a casa da avó pelo caminho menor.

A referência aos personagens ocorreu, mas sem que o nome do antagonista fosse representativo de suas características (Lobo Mau). Além disso, vimos que os “disfarces” do lobo não foram profundamente compreendidos por Rodrigo. O menino também não apresenta a protagonista em dificuldades na situação inicial, visto que não explicita a relação causal entre o fato da Avó estar doente e a mãe pedir a Chapeuzinho para levar a comida, apresenta Chapeuzinho como se ela estivesse passeando (Fragmento 2, L43).

Em relação às complicações decorrentes da situação inicial, Rodrigo traz de forma espontânea o evento modificador da situação inicial, apresentando a ação complicadora. A resolução ligada à situação inicial também foi adequadamente trazida pelo narrador, com a complicação sendo resolvida através da ajuda do caçador. O desfecho ou situação final foi trazido através da fórmula de fechamento, “foi feliz” (Fragmento 18, L232).

Podemos observar que Luna trouxe mais elementos da trama (Bronckart, 1999, 2005) do que Rodrigo. A contagem anterior feita pela mediadora na interação com Luna, além de ativar os esquemas de conhecimento da menina sobre a estória, deram a ela mais possibilidades de entender as relações causais inerentes à estória. Vemos que, na situação inicial, a referência temporal não foi trazida espontaneamente. A referência espacial também não foi trazida, embora ela tenha dito que Chapeuzinho “chegou no caminho” (Fragmento 24, L75), fazendo referência espacial à ilustração do livro, assim como fez Rodrigo (Fragmento 2, L30).

A referência aos personagens, protagonistas e antagonistas, ocorreu de forma mais clara do que com o participante anterior, mas ainda sem que o nome do personagem fosse representativo de suas características (Lobo Mau). Além disso, Luna explicita a relação causal entre o fato da Avó estar doente e a mãe pedir à Chapeuzinho para levar os comida (Fragmento 24, L70), o que indica a compreensão dessa relação causal. Outro episódio bem compreendido por Luna foi o do Lobo imitando a voz da personagem Chapeuzinho (Fragmento 27, L95), para entrar na casa da avó, episódio no qual Rodrigo inicialmente apresentou dificuldades.

Em relação às complicações, assim como Rodrigo, Luna traz de forma espontânea o evento modificador, apresentando a ação complicadora. A resolução ligada à situação inicial também foi adequadamente narrada por Luna, com a complicação sendo resolvida através da ajuda do caçador. O desfecho não foi trazido através de uma fórmula convencional.

Em relação à Pedro, a referência temporal não foi trazida. A referência espacial também não foi trazida, embora a criança tenha dito “A mãe dela falou (...) pra ir na casa da vovó.” (Fragmento 39, L121). Assim como Luna, Pedro explicita a relação causal entre o fato da Avó estar doente e a mãe pedir à Chapeuzinho para levar os comida (L128), o que indica a compreensão dessa relação causal. O episódio do Lobo imitando a voz da personagem Chapeuzinho para entrar na casa da avó foi trazido em repetição à elocução de Márcia (Fragmento 41, L142).

Podemos observar que Pedro trouxe poucos elementos da trama, mesmo na recontagem co-construída com Márcia, apesar de ter sido feita a contagem

inicial pela mediadora. Sabemos que a contagem inicial da mediadora ativa os esquemas de conhecimento da criança sobre a estória e dá mais uma possibilidade para a criança entender as relações causais inerentes à estória. Em relação às complicações decorrentes da situação inicial, assim como Rodrigo e Luna, Pedro traz de forma espontânea o evento modificador, apresentando a ação complicadora (Fragmento 43, L143, L148). A resolução e o desfecho foram trazidos pela mediadora.

Thiago trouxe alguns elementos da trama (Bronckart, 1999). As referências temporal e espacial não foram trazidas pelo menino. Ele comenta que a Avó estava doente (Fragmento 53, L80), mas não relaciona isso ao fato da mãe pedir à Chapeuzinho para levar os doces. O episódio do Lobo imitando a voz dessa personagem para entrar na casa da avó foi trazido parcialmente (Fragmento 58, L142), e complementado com a repetição variante da elocução da mediadora (L147).

Em relação às complicações, assim como os outros participantes Thiago também trás de forma espontânea o evento modificador da situação inicial, apresentando a ação complicadora (Fragmento 59, L149). A resolução, através da ajuda do caçador também foi trazida por ele (Fragmento 60, L163), assim como o desfecho focado no lobo (L169).

Como foi visto, todas as crianças participantes da pesquisa trouxeram a ação complicadora da estória – o ataque do Lobo à avó e à Chapeuzinho -. Essa característica comum em todas as interações analisadas demonstra que esse componente das estórias se desenvolveu precocemente com nossos participantes. A ação complicadora é, de fato, o evento principal da narrativa, o que explica o destaque dado por essas crianças ao ponto alto da estória.

### **5.1.2**

#### **Habilidades de ordem interacional na atividade**

Todas as crianças revelaram, em maior ou menor grau, habilidades de ordem interacional na atividade, seja demonstrando habilidade de mudança de footing, negociando atividades a serem realizadas, solicitando informações do

interlocutor ou apenas co-construindo com o interlocutor e assim demonstrando atenção e envolvimento com a atividade.

Rodrigo negocia interacionalmente o início da atividade, se oferecendo para contar a estória (Fragmento 1). A habilidade interacional de Rodrigo fica bem evidente quando ele solicita ajuda no enquadre instrucional na contagem de estória (Fragmentos 2 e 10), passando de narrador à aprendiz e inserindo-se no enquadre instrucional e em seguida voltando ao enquadre de contagem. Rodrigo muda de footing (Goffman, [1979]2002; Tannen e Wallat, [1987]2002), sendo capaz de alterar seu alinhamento em relação à interlocutora e ao discurso em si, evidenciando o aspecto dinâmico dos enquadres. Além disso, o menino reenquadra a contagem, retomando o papel de narrador (Fragmento 18), enquanto a mediadora procurava manter o enquadre instrucional. A partir da análise foi possível observar que o piso conversacional colaborativo predominou durante a interação entre Márcia e Rodrigo. Essa relação de pouca assimetria conversacional indica que, na verdade, há participação lingüística e interacional, tanto da mediadora, quanto da criança.

Diferentemente de Rodrigo, Luna evita interacionalmente que a atividade de contagem seja realizada por ela (Fragmento 19). Apesar disso, ela procura colaborar com Márcia durante toda a contagem da estória, co-construindo a narrativa com a interlocutora (como nos fragmentos 20 e 21). Paralelamente à recontagem de Luna, Márcia participou diversas vezes com o intuito de co-construir o discurso, tendo o piso colaborativo predominado nessa interação, exceto no enquadre instrucional.

O piso conversacional foi mais assimétrico nessa interação do que na anterior, pois Luna inicialmente não se posiciona como narradora, necessitando que a atividade de contagem fosse realizada por Márcia. A mediadora se posiciona interacionalmente de forma diferenciada em relação a essa participante, guiando e controlando mais sua narrativa do que fez com Rodrigo, como se nota pelo maior número de perguntas eliciadoras. A mediadora instaura o enquadre instrucional também nessa interação, procurando guiar a narrativa da menina através de perguntas eliciadoras, embora Luna tenha mostrado proficiência para a recontagem dessa estória (Fragmentos 29 e 30).

As interferências de Márcia não ocorreram da mesma forma enquanto Rodrigo narrava a estória. Com Rodrigo suas interferências se restringiram mais a momentos nos quais ele mostrou ausência de determinados conhecimentos ou hesitou na narrativa, e depois se concentraram no momento final visando a promoção de compreensão. Na interação com Luna, diferentemente, ao invés de esperar a narração terminar para depois instaurar um enquadre instrucional, a mediadora não esperou a recontagem de Luna terminar para instaurar esse enquadre. Rodrigo teve turnos ligeiramente mais longos, enquanto Luna teve acesso ao piso narrativo de forma um pouco mais fragmentada (Clarck e Mishler, 2001), entrecortada por perguntas que, embora funcionem para orientar a narrativa de crianças que ainda não têm o esquema narrativo organizado, podem interromper o fluxo de recontagem pela criança, dificultando a construção de uma unidade coerente e a visualização das possibilidades de narração monológica da criança.

Pedro procura reenquadrar tarefas algumas vezes na interação com Márcia. Inicialmente, ao buscar o enquadre de contagem da estória tenta sair do enquadre instrucional instaurado pela mediadora (Fragmentos 33 e 35). Em outro momento, ao ser solicitado a recontar o menino apresentou resistência, procurando sair do enquadre instaurado pela mediadora ao tentar ver o restante do livro (Fragmento 38).

A recontagem é co-construída entre Pedro e Márcia, que colaborou muito mais com a narrativa nessa interação do que nas anteriores. O piso conversacional foi mais assimétrico nessa interação, com mais interferências da mediadora. Márcia não supõe a possibilidade de posicionar Pedro inicialmente como narrador e instaura logo de início a primeira etapa da atividade, contando a estória. A mediadora se posiciona interacionalmente de forma diferenciada em relação a ele, enfocando o caráter instrucional desde o início da interação, e retificando menos o papel de narrador dessa criança, devido à ausência de sua participação na interação, na co-construção da estória. Foi necessário Márcia realizar muita mediação e muita colaboração para co-construir a recontagem com Pedro.

Suas interferências ocorreram de forma diferenciada em relação às outras interações já apresentadas. A mediadora inicia o enquadre instrucional no início da contagem da estória, utilizando perguntas de compreensão e perguntas guia,

que também estiveram bastante presentes, junto às colaborações da mediadora, na recontagem. Pedro teve pouco domínio do piso conversacional, visto que necessitou de muita mediação para guiar sua narrativa, por não ter ainda os esquemas de conhecimento do conto ou o esquema narrativo organizado.

Thiago, por sua vez, co-constrói com Márcia durante a contagem da história e assim demonstra atenção e grande envolvimento com a atividade, apesar de suas dificuldades. Fica evidente seu desejo de narrar e, ainda, seu interesse na atividade de contagem e recontagem da estória. O menino faz inúmeras participações, desde o enquadre de contagem, colaborando efetivamente na co-construção da estória junto à mediadora. A recontagem é co-construída entre Thiago e Márcia, que também colaborou muito nesse enquadre nessa interação. Porém, fica evidente que a dificuldade articulatória e a dificuldade lingüística de Thiago comprometem sua comunicação, chegando a impedir, em alguns momentos, que suas elocuições sejam compreendidas pela mediadora.

Márcia instaura, inicialmente, o enquadre instrucional, assim como com faz Pedro. A mediadora se posiciona interacionalmente de forma diferenciada em relação a ele. Foram necessárias interferências, feitas através de estratégias de mediação e de colaborações para co-construir a recontagem. Márcia enfoca bastante o caráter instrucional, desde o início da interação, e retifica menos o papel de narrador de Thiago, devido às dificuldades dele, que dificultaram uma comunicação mais efetiva. Já Thiago, procura se posicionar como narrador a partir do momento que a mediadora solicita a recontagem. Além disso, ele colabora muito com a co-construção do conto, mesmo durante a contagem, enquanto a narradora retificada era Márcia.

Vimos que duas das quatro crianças participantes da pesquisa demonstraram conhecimento suficiente para contar/recontar o conto Chapeuzinho Vermelho com algum grau de autonomia, embora ainda necessitem da mediação em alguns momentos seja em relação à proficiência na L2, seja em relação aos esquemas de conhecimento sobre o conto ou ao protótipo do gênero de texto conto. As duas outras crianças apresentaram bastante dependência em relação ao apoio do interlocutor para narrar, mas conseguiram realizar a recontagem em colaboração com a mediadora. A pesquisa sugere que com crianças que estão iniciando o desenvolvimento do discurso narrativo, além de utilizarmos a

narrativa co-construída na terapia, podemos, ainda, avaliar melhor as capacidades de linguagem das crianças nesse tipo de interação, ao invés de nos basearmos apenas em testes padronizados ou no que é produzido em narrativas autônomas. A busca por testes, bem como os experimentos comumente utilizados em fonoaudiologia na tentativa de obter diagnósticos de linguagem, não parecem beneficiar tanto em casos como os aqui apresentados, nos quais a criança ainda não é capaz de narrar autonomamente.

## 5.2

### Resultados do ponto de vista da mediadora

Nesta seção, focalizamos os tipos de estratégias discursivas utilizadas pela mediadora e como se diferenciam com cada criança. Os resultados estão relacionados às perguntas 3 e 4 da pesquisa. A seguir, colocamos um quadro demonstrativo com os resultados indicando quantas vezes a mediadora utilizou cada estratégia em cada interação. A visualização do quadro permite perceber que a configuração de uso de estratégias de mediação foi diferenciada com cada criança, o que discutimos a seguir.

Quadro 2 - Frequência de uso das estratégias pela mediadora:

Tipo de estratégia utilizada pela mediadora	Ocorrências por participante			
	Rodrigo	Luna	Pedro	Thiago
Pergunta de clarificação	<u>5</u>	1	1	1
Pergunta de compreensão	2	1	<u>8</u>	<u>5</u>
Reformulação (por repetição variante)	3	<u>6</u>	2	<u>10</u>
Incentivo	8	8	<u>3</u>	<u>12</u>
Marcador simples de atenção	3	1	0	0
Incitar a narrativa sem fornecer conteúdo	2	1	1	0
Regulação de tarefas à ZDP	3	4	6	5
Pergunta eliciadora necessária	2	<u>4</u>	<u>9</u>	3
Pergunta eliciadora de antecipação	1	2	0	0
Fornecer informação	<u>12</u>	3	6	3

Os atendimentos analisados podem ser considerados centrados na atividade ou interativos (Classificação de Ticks, 2005), pois envolvem o uso de uma atividade aberta (open-ended). Considero a atividade aberta, pois embora o objetivo seja contar e recontar uma história previamente selecionada, a atividade propicia a negociação de significados, por envolver a narração através da lembrança do conto, e não de sua leitura. Assim, se torna necessário que o aprendiz selecione itens lexicais, e é possível o uso de estruturas sintáticas diversas pela criança, de acordo com seu nível de desenvolvimento na L2. Para Ticks (2005), atividades abertas envolvem participação em interações diversificadas, como: tarefas, discussões, situações imaginárias e jogos.

Para McCabe e Peterson (1991), que analisam o estilo de elicitare narrativas em mães de crianças pequenas, consideram que tal estilo reflete o estilo verbal da mãe. Nesse trabalho estamos lidando com uma profissional, portanto tal estilo também está associado, no caso desta dissertação, ao embasamento teórico da mediadora, e não apenas um estilo individual como no caso das mães. As autoras comentam que o estilo que os pais adotam está associado ainda às habilidades das crianças com as quais as mães interagem, o que é observado também neste trabalho. Vimos que a mediadora utiliza perguntas frequentes, poucos diretivos ou correções do comportamento das crianças -costuma solicitar autocorreção das crianças ou reformular suas emissões-, e muitas expansões do que as crianças dizem, dessa forma se enquadrando no estilo considerado produtivo por McCabe e Peterson. Além disso, Márcia continua questionando pontos da narrativa que as crianças inicialmente demonstram não saber narrar, fornece informações sobre eventos da história, itens lexicais e aspectos gramaticais, assim se aproximando do que Fivush e Fromhoff (1988, apud McCabe e Peterson, 1991) chamam de estilo elaborativo. A profissional utiliza ainda resumos e incentiva as crianças, se aproximando ao estilo colaborativo, descrito por Snow e Tabors (personal communication, apud McCabe e Peterson, 1991).

Observando as interações analisadas e o quadro 2, que ajuda na visualização da configuração de uso de estratégias de mediação, foi possível perceber que diferentes estratégias foram empregadas pela profissional com cada criança. Dentre essas estratégias, está o uso de: perguntas elicitadoras, de clarificação e de compreensão; incentivos; reformulações; fornecimento de

informações; regulação do nível de tarefas à ZDP. As preocupações da mediadora com as relações de causalidade e sequencialidade, com elementos implícitos e não literais, e com o enredo e a moral da estória, ficam evidentes nas quatro interações em terapia analisadas. Com Pedro e Thiago, existe a preocupação adicional de explicitar estados intencionais e mentais dos personagens. Com Rodrigo e Luna, a mediadora utiliza bastante a estratégia de incentivar as elocuições dessas crianças.

Na interação com Rodrigo, fica evidente sua independência para narrar. A discrepância entre seus esquemas de conhecimento sobre o conto e os de Márcia, fizeram aumentar o uso de perguntas de clarificação e os fornecimentos de informação com esse participante. Mesmo com a relativa autonomia demonstrada por Rodrigo, a mediadora faz uso de estratégias de mediação diversas vezes, chamando atenção para elementos que considera relevantes ou quando a narrativa dele não satisfaz suas expectativas. Ou seja, as estratégias são utilizadas em situações de inadequações ou dificuldades, não consistindo, em geral, num guia para a contagem da estória pelo menino. Rodrigo narra sem necessitar que a estória seja elicitada, salvo em poucas exceções nas quais a mediadora precisa utilizar perguntas eliciadoras. As estratégias utilizadas por Márcia são, na grande maioria das vezes, intervenções que visam esclarecer, incentivar, ou até mesmo reformular e discordar da fala do narrador, mas não guiar a narrativa dele. As estratégias visando elicitare a narrativa ou estimular seu desenvolvimento ocorreram menos com Rodrigo.

Márcia instaura o enquadre instrucional no final da interação, e retoma dificuldades demonstradas por Rodrigo durante a contagem. Esse enquadre se mostrou produtivo, visto que possibilitou que a mediadora abordasse a moral da estória, que não havia sido compreendida plenamente pelo menino. Algumas figuras (Hopper e Thompson, 1980) da estória (Fig. 3, 4, 8, 9; Dadalto, 2006), que inicialmente não haviam sido corretamente interpretadas por Rodrigo, foram abordadas e explicitadas pela mediadora nesse momento. Apesar disso, outras figuras que não haviam sido trazidas pela criança na contagem (Fig. 1 e 2; Dadalto, 2006) deixaram de ser abordadas nessa oportunidade.

Com Luna é bastante recorrente o uso das reformulações pela mediadora, que organizam melhor o discurso da menina, já razoavelmente desenvolvido na L2. Além disso, são usadas algumas perguntas eliciadoras, mostrando que Luna

ainda depende um pouco do interlocutor para orientar sua narrativa. Mesmo ao ratificar Luna como a narradora, Márcia realiza interferências na narrativa da menina voltadas para as relações de causalidade, seqüencialidade, e enredo, principalmente com a ação.

Luna não apresenta tanta autonomia para narrar, como Rodrigo, mas, por outro lado, faz menos desvios em relação à trama original da estória. Ela demonstra conhecimento, por exemplo, dos “disfarces” do lobo, não revelando dificuldades com a encenação não literal. As intervenções da mediadora com Luna visam principalmente incentivar e reformular a fala da narradora ou regular tarefas à ZDP. Com a menina quase não são necessários pedidos de clarificação e fornecimentos de informação. A mediação possibilitou, principalmente, a reformulação da fala dela de forma mais organizada e a extensão de sua narrativa através de perguntas guia. Em alguns momentos, porém, a mediadora interfere de forma antecipada na recontagem de Luna. O enquadre instrucional, instaurado pela mediadora no final da interação, mas antes da recontagem terminar, procura guiar a recontagem da menina. Luna, que se mostrava uma narradora competente, passa nesse momento da interação apenas a responder às solicitações de Márcia.

A mediadora utiliza bastante perguntas que enfocam a compreensão com Thiago, e, principalmente, com Pedro, que apresenta maior dependência em relação ao interlocutor para narrar, como fica claro também pela necessidade bem maior de perguntas eliciadoras para orientar seu discurso. Os incentivos foram pouco utilizados com Pedro, refletindo seu desenvolvimento narrativo ainda incipiente.

Ao estimular Pedro a narrar, foi necessário que Márcia realizasse mais interferências na narrativa, fazendo uso de estratégias de mediação e co-construindo a estória através de muitas colaborações. A mediadora procurou incentivar e reformular suas emissões de forma mais organizada. Além disso, Márcia fez perguntas de clarificação e apresentou termos novos em contexto (Starosky, 2005, 2006:439). O enquadre instrucional foi instaurado no início da interação, e foram usadas bastante perguntas com enfoque na compreensão, reforçando o caráter instrucional da interação. Além disso, ficou muito marcado o grande número de perguntas eliciadoras; de regulagens de tarefas a ZDP e de colaborações com a recontagem da estória, através do fornecimento de muitas

informações. A necessidade de mediação para Pedro narrar ficou clara, como mostra a análise dos tipos de mediação utilizados. A mediação funcionou como um guia, orientando a recontagem da estória por Pedro.

Incluiu-se nessa interação um aspecto diferenciador das anteriores. Márcia procura, com esse participante, explicitar em diversos momentos a maldade do lobo ao enganar a chapeuzinho, prevendo, a partir das interações com as outras crianças, que Pedro teria dificuldades para compreender a intencionalidade implícita na ação do lobo. Além disso, a mediadora explicitou também o estado mental da personagem Chapeuzinho num momento da trama.

Durante toda a interação com Thiago, Márcia colaborou fornecendo informações; fazendo perguntas eliciadoras e de clarificação. O que ficou mais evidente foi o uso das perguntas para promover compreensão; a regulação de tarefas à ZDP; e, principalmente, a reformulação das emissões dele de forma estruturalmente mais organizada; além do grande número de incentivos fornecidos pela mediadora. Thiago é quem mais necessita de reformulações, que são usadas com a intenção de ajudar a organizar melhor seu discurso, bastante confuso ainda em L2, devido a dificuldades articulatórias e lingüísticas. Os incentivos também são bastante utilizados com esse participante, muitas vezes precedendo reformulações, de forma que o menino seja encorajado a continuar narrando. Márcia também explicitou, tal como com Pedro, aspectos de intencionalidade e estados mentais dos personagens.

Durante a contagem da estória, a mediadora utilizou perguntas para direcionar a participação de Thiago. Durante a recontagem, porém, praticamente apenas fez colaborações, não guiou a narrativa dele através de perguntas eliciadoras, utilizou raras perguntas, e reformulações. Isso difere bastante da configuração utilizada com o participante Pedro, que mesmo durante a recontagem precisou ser fortemente direcionado por perguntas, entre outras estratégias de mediação utilizadas por Márcia. Devido à quantidade menor de perguntas feitas pela mediadora durante a recontagem, Thiago conquistou um piso narrativo menos fragmentado (Clarck e Mishler, 2001), em comparação com Pedro. Observando as interações, atribuí isso ao fato dele não necessitar de tanta mediação para guiar sua recontagem.

Na triangulação dos dados, com a mediadora, porém, Márcia comenta que, percebendo a ansiedade de Thiago, fez menos perguntas eliciadoras para evitar desviar a atenção do menino, que apesar de recontar com dificuldades, demonstrava bastante envolvimento com a atividade. Segundo a mediadora, em comparação com as outras crianças ele revelou muita motivação na atividade, mas não demonstrava perceber suas dificuldades, e apresentava ansiedade para chegar ao clímax da estória. Com isso, Thiago não apresentou o enredo seqüencialmente, tendo pulado figuras na recontagem e não demonstrou compreender bem as relações de causalidade presentes na história. Márcia declarou precisar se adaptar às especificidades dessa criança para mediar sua recontagem, pois Thiago não tinha paciência para ouvir o interlocutor.

A estratégia<sup>1</sup> de regular tarefas à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006) foi utilizada com todos. Uma diferença sutil, mas interessante, é que essa estratégia de mediação foi utilizada em quantidade inversamente proporcional ao desenvolvimento narrativo das crianças, sendo o número de ocorrências maior com Pedro e com Thiago, e menor com Luna e com Rodrigo. Ou seja, Pedro e Thiago necessitaram de mais regulagens de tarefas, pois apresentaram mais dificuldade na atividade de recontagem. As diferenças encontradas entre as estratégias discursivas utilizadas pela mediadora em cada interação parecem indicar que a escolha das estratégias de mediação se relacionou bastante com as habilidades e dificuldades apresentadas por cada criança nas interações.

A interação entre Márcia e Pedro, principalmente, mostra a necessidade e a importância de se utilizar o recurso da mediação para elicitare narrativas de crianças com dificuldades de linguagem. A recontagem co-construída entre Pedro e Márcia mostrou melhor a compreensão dele sobre a estória, e suas habilidades iniciais de narrar, que permaneceriam desconhecidas se a terapeuta não tivesse dado continuidade à tarefa, e auxiliado na recontagem. Como mostra Peterson (1994), é difícil ajudar a organizar a narrativa de crianças que só narram mediante esforço persistente do mediador. Por outro lado, é muito importante que o mediador continue incitando a narrativa, mesmo depois da criança dar pistas de que terminou de narrar. Este comportamento é necessário, pois crianças com dificuldade no desenvolvimento de linguagem podem inicialmente se mostrar

---

<sup>1</sup> Ver quadro 2, Página 118.

incapazes de narrar, mas conseguem produzir com o auxílio da mediação, ou seja, necessitam de muita estimulação para desenvolver a narrativa.

Vimos que a mediadora co-constrói a narrativa junto às crianças e as incentiva na recontagem durante a maior parte das interações analisadas. Em determinados momentos, no entanto, antecipa a recontagem através de perguntas em momentos que a criança parece contar a estória sem dificuldades. Esse tipo de atuação pode interromper o fluxo de recontagem pela criança, dificultando a construção de uma unidade coerente e a visualização de suas possibilidades de narração monológica. Em geral, porém, a mediadora se mantém um estilo considerado produtivo para eliciação de narrativas. Sua participação se mostra bem ativa com crianças que se encontram no início do desenvolvimento do discurso narrativo, envolvendo muitas perguntas, comentários e contribuições para a construção de seu discurso narrativo. Essa colaboração da interlocutora faz com que a narrativa dessas crianças se apresente num formato dialógico, bem próximo a uma conversa. A pesquisa evidenciou que a colaboração da mediadora permitiu que as crianças surdas em fases iniciais do desenvolvimento do discurso narrativo recontassem estórias com um desempenho melhor do que o fariam de forma autônoma.

### **5.3**

#### **Comentários finais**

A literatura sobre surdez e construção de narrativas mostra uma realidade de dificuldades em relação ao discurso narrativo dos surdos, em português até mesmo em LIBRAS, e inclusive em relação aos adultos. Acreditamos na relevância do trabalho para o campo de estudos sobre a surdez, pois as interações aqui analisadas apontam que é possível e desejável propiciar interações nas quais se possa contar e recontar estórias para crianças surdas em PL2, utilizando estratégias de mediação que podem ser eficazes e impulsionar o desenvolvimento do esquema narrativo.

É importante enfatizar que os efeitos do uso dos tipos de mediação identificados em nossa análise não podem sempre ser devidamente identificados e precisados, devido à dificuldade em observar relações entre ensino e

aprendizagem tentando atribuir quaisquer aprendizagens a quaisquer atividades de ensino (Prabhu, 1990). Leo van Lier (2000:248) destaca, baseado em Long (1996) e Pica (1992), o perigo de se considerar as elocuições do aluno como aprendizagens resultantes de ciclos de negociação. Segundo ele, apenas um corpus longitudinal poderia evidenciar uma aquisição sustentada, mas ainda assim seria muito difícil afirmar a ligação dessa aquisição ao trabalho de negociação realizado anteriormente.

Por outro lado, com base na teoria sócio-histórica sobre ensino-aprendizagem, acreditamos na mediação como uma ferramenta eficaz nesse processo, principalmente considerando atendimentos individuais como os aqui apresentados, nos quais o mediador pode conhecer o desenvolvimento individual de cada paciente e explorar a ZDP do evento interacional entre terapeuta-paciente. Acreditamos, portanto, que este estudo possa servir de base para futuras pesquisas longitudinais que visem mostrar como cada criança ganha autonomia para narrar, podendo gradativamente narrar num formato mais próximo ao monológico, o que é exigido no contexto escolar, necessitando cada vez menos de mediação do interlocutor a medida em que se desenvolve lingüisticamente.

Acreditamos na relevância deste trabalho também para o campo fonoaudiológico. A pesquisa, a partir de seus resultados, contribui para a reflexividade no ambulatório de surdez da UFRJ e no campo fonoaudiológico, auxiliando na compreensão dessa prática profissional, na medida em que procurou produzir conhecimentos pertinentes ao trabalho de estimulação de narrativas. Acreditamos que conhecendo melhor as estratégias que costumamos usar poderemos compreender melhor nossa prática, e, assim, trabalhar de forma mais consciente e de acordo com os propósitos planejados de forma individualizada para cada paciente.